

O FIM

DE

TODOS
NÓS

O FIM DE TODOS NÓS

MEGAN CREWE

Tradução de Rita Sússekind



Copyright © 2012 by Megan Crewe
Edição em português negociada por intermédio de
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL OBS.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Way We Fall

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Flora Pinheiro

Janaina Senna

Shirley Lima

MIDLO E CAPA

Reproduzido de *The Way We Fall*, de Megan Crewe,
com permissão de Disney/Hyperion Books

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C945f

Crewe, Megan

O fim de todos nós / Megan Crewe ; tradução de Rita Sussekind. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

272 p. : 23 cm

Tradução de: The Way We Fall

ISBN 978-85-8057-330-5

1. Ficção americana. I. Sussekind, Rita II. Título.

13-1835.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

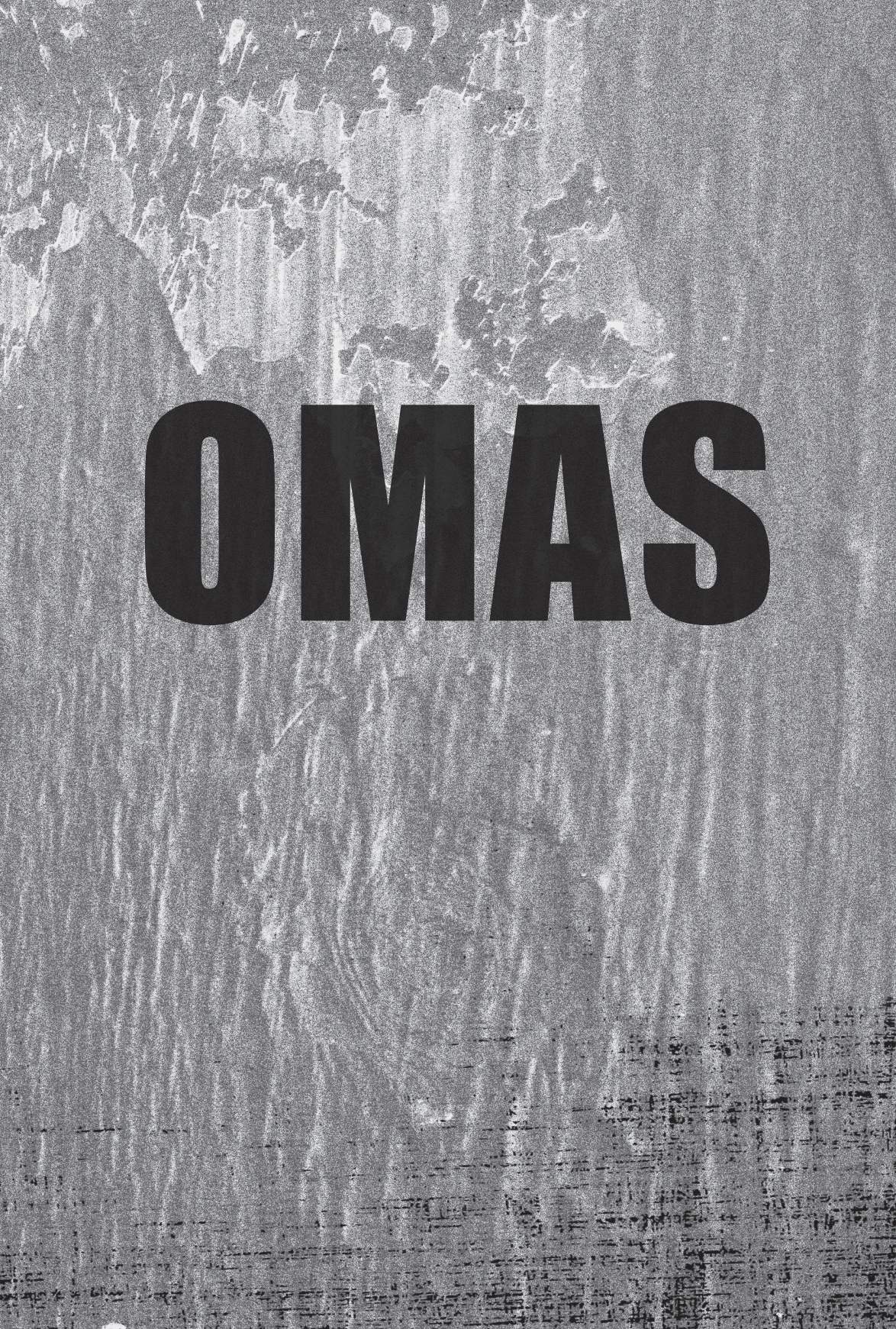
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

**A todos que algum dia já caíram,
não importa o tamanho da queda.**



SINT



OMAS

2 de setembro

Leo,

Faz mais ou menos seis horas que você saiu da ilha. Do jeito que as coisas andam, sei que não esperava que eu fosse me despedir, mas não consigo parar de pensar em você nas docas, acenando sem parar, quando fui para Toronto cinco anos atrás.

Enquanto a barca o levava para o continente, fiquei em West Beach com Mackenzie e Rachel. Mackenzie tinha decidido que deveríamos dar um último mergulho de férias, pois amanhã voltaremos às aulas, mas o vento estava tão frio que nenhuma de nós quis entrar na água. Ficamos andando na areia, conversando e imaginando como será o segundo ano.

Todos os turistas que estavam aqui de férias de verão já foram embora, então na praia só estávamos nós três e algumas famílias que faziam churrasco perto das pedras. Dava para ver a barca branca ficando menor à medida que cruzava o estreito, e o nó no meu estômago crescia cada vez mais.

Mackenzie começou a se gabar do verão “incrível” que tinha passado em Los Angeles e de todas as boates da moda às quais tinha ido, e Rachel e eu basicamente só balançávamos a cabeça nos momentos certos, como sempre. Não que eu me importe. Em algum momento da conversa, Mackenzie se virou para mim e disse: “Porque as boates das cidades grandes são as melhores. Não é verdade, Kaelyn?”, e só o que pude responder foi: “Hmm, acho que sim”, porque, na verdade, não fui a nenhuma boate em Toronto.

Se ela soubesse que em Toronto passei quase todo o tempo no zoológico ou na clínica veterinária perto de casa, em vez de fazer compras ou sair à noite, tenho certeza de que não teria grudado em mim assim que voltei a morar

aqui, na primavera passada. Mas não me dei o trabalho de corrigi-la. É legal ter com quem andar, mesmo que para isso seja necessária uma mentirinha. Eu estava tão focada em me virar sozinha naquela cidade que não percebi o quanto sentia falta de ter amigos.

E só hoje percebi o quanto sentia falta de você.

Quando a barca já tinha sumido de vista, estávamos tremendo de frio por causa da água do mar que as ondas espirravam em nós. Fomos até a faixa de grama entre a estrada e a areia, e Mackenzie quase pisou em um pássaro morto. Ela gritou e ficou pulando em um pé só, sacudindo o outro como se os germes pudessem ter saltado para sua pele. Rachel não conseguia parar de rir.

Era uma gaivota comum, e parecia saudável — exceto pelo fato de estar morta, é claro. As penas estavam lustrosas e não vi nenhum ferimento. Era muito estranho, aquele bicho ali, como tivesse simplesmente caído do céu. Pensei em pegar um graveto e mexer no corpo, para ver melhor, mas Mackenzie daria um ataque.

Você, Leo, não se importaria. Se eu estivesse caminhando pela praia a seu lado, como a gente fazia, você me esperaria examinar a gaivota e perguntaria: “Sabe como ela morreu?” E estaria realmente interessado na resposta.

Naquele momento, olhando para o pássaro, enquanto Mackenzie sacudia o pé e Rachel ria, ficou mais claro do que nunca como fui burra por deixar uma discussão tão boba estragar tudo. Você foi meu melhor amigo a vida inteira, e já faz quase dois anos que a gente não se fala.

Depois de um tempo, Rachel parou de rir e falou que precisava ir embora. Desde que o pai dela quebrou a perna, semana passada, trabalhando nas traineiras, a mãe tem enchido o saco para ela passar mais tempo em casa. Combinamos um encontro na cantina amanhã, para comparar nossos horários de aulas, e depois voltamos para a cidade.

Não fui direto para casa. Depois que Mackenzie e Rachel foram embora, passei pelas peixarias e peguei a trilha entre os pinheiros que vai até aquele penhasco onde os biguás fazem ninho. Lá em cima é tão tranquilo... Ali, de pé na beira da pedra, olhando para o mar, a brisa fria batendo no meu corpo e as gaivotas no alto, imagino como seria voar.

Ou, pelo menos, em geral consigo. Naquele instante parecia que havia um peso amarrado à minha cintura, me puxando para baixo; um peso formado por tudo o que eu deveria ter dito antes de você ir embora.

E o mais importante é o mais difícil de admitir. Você tinha razão. Quando nos mudamos, eu me senti oprimida no instante em que o táxi nos levou do aeroporto para a cidade. E assim que cheguei àquela escola enorme, repleta de alunos que tinham passado a vida toda cercados por arranha-céus e pelo metrô, tive certeza de que eu não me encaixava ali. Então eu ia ao zoológico ver os chimpanzés brincarem e alimentava os gatinhos da clínica veterinária, em vez de tentar fazer amigos. Talvez eu tivesse conseguido me integrar se me esforçasse — Drew era da minha escola, só um ano à minha frente, e em menos de um mês ele já estava tão ocupado pela cidade com os colegas de turma que mal aparecia em casa. Mas ficar na minha era mais fácil. E quando comecei o ensino médio em uma escola ainda maior, o simples fato de pensar em agir de outra forma já era assustador.

Você me ouviu reclamar sobre a cidade e o pessoal do colégio muitas vezes e só então falou que metade da culpa era minha. Eu não deveria ter ficado tão irritada, mas naquele momento eu me senti como se você estivesse contra mim. Só percebi que estava certo depois que voltamos para cá.

Imaginei que seria natural me reaproximar das pessoas que já conhecia, mas todo mundo me olhava como se eu fosse uma estranha. E continuava sendo assustador. Eu não sabia o que fazer nem o que falar, nem mesmo quando estava com você. Estou desacostumada demais. É ridículo.

Mas as coisas vão mudar. A partir de amanhã vou ser alguém que fala com as pessoas na aula mesmo que não falem comigo primeiro, e que passeia pela cidade, em vez de ficar olhando os pássaros do alto de penhascos. Vou continuar sendo essa pessoa até perder todo o medo. E vou usar este caderno como um diário, para me manter na linha e treinar tudo o que quero lhe dizer. Assim, quando você voltar para visitar seus pais, no dia de Ação de Graças ou no Natal, eu poderei pedir desculpas cara a cara e nós continuaremos sendo amigos.

Prometo.

4 de setembro

A essa altura você já deve ter se adaptado à sua nova escola, Leo. Fazendo aulas de dança com os melhores professores e andando com gente supertalenta feita você. Aposto que está amando.

Tenho trabalhado na nova Kaelyn. Ontem dei oi para pelo menos dez pessoas no colégio enquanto esperávamos para receber os nossos horários das aulas. Todo mundo ainda parece meio desconfiado, como se a Kaelyn que conheciam cinco anos atrás possa ter sido substituída por uma impostora enquanto estava em Toronto. Até agora não passei do “oi”. Mas já é um começo.

Aí hoje, depois da escola, coloquei meus furões (Mowat e Fossey) nas coleiras e levei os dois para passear no parque Thompson, em vez de ficar no jardim. Não sabia se alguém aqui da ilha já tinha visto um furão de estimação, e a ideia de que pudessem ficar me olhando sempre me deixou nervosa. Mas após alguns minutos umas crianças se aproximaram e começaram a me fazer várias perguntas, do tipo “O que eles comem?” e “Eles sabem nadar?”, e foi legal. Mowat e Fossey adoraram a atenção, é claro.

Quando cheguei em casa, minha mãe veio até o meu quarto e disse:

“Vamos jantar um pouco tarde. Tem um caso incomum no hospital, e querem que o seu pai dê uma olhada.”

“Incomum como?”, perguntei.

“Ele não sabia”, respondeu minha mãe. “Ele me ligou antes de ir ao centro de pesquisa. Mas disse que deve chegar em casa no máximo às sete.”

Ela ficou parada na porta enquanto eu tirava os livros da mochila. Eu já estava começando a me perguntar o que havia de errado quando ela finalmente perguntou:

“Como você está, Kaelyn?”

“Bem”, respondi.

“Sei que para você foi difícil ir morar em Toronto, depois mudar de cidade outra vez”, disse ela. “Se precisar conversar, você sabe que ficarei feliz em ouvir, não sabe? É para isso que estou aqui.”

Os olhos dela ficaram marejados, provavelmente porque estava pensando na vovó — que quando ela teve o derrame e morreu, minha mãe não estava aqui.

Mas o que minha mãe poderia fazer se eu tivesse contado sobre a briga com você, sobre minha solidão em Toronto, sobre como me sinto deslocada aqui, agora? Nada. Então respondi:

“Eu sei, mãe. Sério, está tudo o.k.”

A resposta dela foi “tudo bem”. Tive a impressão de que ela queria dizer mais alguma coisa, mas minha mãe apenas foi embora.

Espero que meu pai volte logo. Já são quase sete horas e estou morrendo de fome.